

# Crise faz surgir um FH mais amargo e irritado

Racionamento, turbulências na política e problemas familiares tiram a calma e o bom humor do presidente

Cristiane Jungblut e  
Jorge Bastos Moreno

• BRASÍLIA. O conhecido bom humor do presidente Fernando Henrique Cardoso, a mania de aproveitar acontecimentos prosaicos para fazer brincadeiras, e as piadas envolvendo os amigos foram substituídos no último mês pela tensão, por desabaços, descargas de irritação e puxões de orelha nos auxiliares. No auge da crise, as tiradas bem-humoradas deram lugar a considerações dramáticas sobre possíveis ameaças à democracia. Com a reportagem da revista "Veja" sugerindo que, ao demitir Francisco Lopes, sabia ter sido ele chantageado por Salvatore Cacciola para obter socorro do Banco Central, Fernando Henrique pegou o telefone e fez um desabaço emocionado à jornalista Tereza Cruvinel:

— Não posso aceitar o pressuposto de que abafei um crime. A leviandade da imprensa e o golpismo sem armas da oposição estão criando um clima de fascismo e terror insuportável. Não para mim, que tenho até instrumentos psicológicos para resistir. Quem pode não suportar é o país, é a democracia.

Na véspera de completar 70 anos, com seis anos à frente do governo, Fernando Henrique teve o bom humor e o *fairplay* abalados pela crise de energia, por problemas familiares e pelas turbulências na política. No

auge da irritação, foi atormentado até pelo fantasma de que seus inimigos queriam tirá-lo à força do governo.

— Estou em estado de choque! Querem me derrubar! — explodiu ele, quando viu, na TV, o ex-deputado Lindberg Faria, num programa do PSTU, pregar: "Fora FHC".

O presidente começou a destilar sua irritação com os ataques ferinos do ex-senador Antonio Carlos Magalhães, do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Rubens Approbato, e atingiu o auge da tensão com a ameaça de um apagão no país. Teve que enfrentar um problema familiar: a separação de sua filha Beatriz, casada há 15 anos com David Zylbersztajn, diretor da Agência Nacional de Petróleo (ANP), seu homem de confiança no plano de ra-

cionamento. Tudo isso somado ao calor insuportável no gabinete, causado pelo desligamento do sistema de ar condicionado do Planalto.

— Amigos e aliados mais próximos chegaram à conclusão que o grande erro do presidente foi não ter encerrado sua gestão no primeiro mandato. Mas ele não dá o braço a torcer — diz um interlocutor.

Fernando Henrique perdeu a calma quando ficou sabendo que a crise de energia era mais grave do que se pensava e que o racionamento era inevitável. Naquele momento, teve consciência do estrago político que provocaria um provável apagão e ficou muito contrariado por não ter sido informado da real situação do setor energético. Durante as incan-

sáveis reuniões para traçar a estratégia de racionamento, mostrou irritação e cansaço.

— Não me conformo que cheguemos onde estamos! Deveriam ter me avisado da gravidade da situação antes, quando poderíamos ter evitado essa tragédia! — explodiu o presidente, ao ser informado sobre o caótico nível dos reservatórios das hidrelétricas.

— Ele está evidentemente preocupado. Não está para piadas — disse um assessor ligado à gestão da crise de energia.

Um dos momentos mais tensos foi no dia em que Approbato aproveitou a posse do presidente do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio de Mello, para acusar Fernando Henrique de autoritarismo e abuso com o uso indiscriminado de medidas provisórias. Naquele dia o presidente repetiu, quase obsessivamente, que era um democrata e que tinha resistido à ditadura.

## Impaciência com os problemas da base

Fernando Henrique está impaciente também com os problemas na base aliada. Ele ficou contrariado quando o senador José Alencar (PMDB-MG) vazou para a imprensa que ele lhe havia pedido para retirar sua assinatura do requerimento da CPI da Corrupção. Dias de-

pois, passada a irritação, Fernando Henrique convidou o senador para ser ministro da Integração Nacional. Recebeu um não do mineiro aliado de Itamar Franco. E ficou decepcionado com a vinda do embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima, de Roma, para prestigiar a renúncia do amigo Antonio Carlos Magalhães. Mas resolveu mantê-lo no cargo, apesar do desagravo a seu maior inimigo no momento.

— Estou calejado com tantas decepções — desabafou.

Com a popularidade em índices preocupantes, ele está impedido de viajar, de andar nas ruas e, por isso, cancelou viagens pelo país. Também cancelou as idas ao exterior por causa da crise de energia. Passando por um inferno astral, Fernando Henrique faz 70 anos amanhã, sem festas. Ficará no Palácio da Alvorada com a família. Hoje, janta com os amigos mais próximos, entre eles os ministros José Gregori (Justiça), José Serra (Saúde) e Paulo Renato (Educação).

Amigos e assessores dizem, porém, que as alterações de estado de espírito do presidente se arrefeceram nos últimos dias, mostrando que a pior fase já passou. Isso se deve principalmente à forma como a população respondeu ao racionamento.

— O momento é difícil, mas superável — tem resumido o próprio Fernando Henrique. ■

*"Estou calejado com tantas decepções"*

Roberto Stuckert Filho/15-5-2001

*"Não me conformo! Deveriam ter me avisado da gravidade da situação da energia"*

